

proveitosas aulas de renovação espiritual, dentro das quais nos confessamos uns aos outros através de comentários serenos e francos, fazem luz sobre nós mesmos, revelando-nos aos olhos a extensão de nossas necessidades, pelo egoísmo, pela indiferença e ociosidade em que temos vivido desde muito nos círculos terrestres.

XV
TRABALHO

Depois das lições, que são sempre agradáveis e edificantes, somos conduzidos a uma oficina de grandes proporções, onde trabalhamos na composição de material de ensino para os jovens de cursos superiores, serviço esse que é sempre orientado por instrutores sábios de nossa nova esfera de ação.

Atendemos, por essa forma, às obrigações com imenso proveito, porque cumprimos o dever que nos cabe, preparando-nos, ao mesmo tempo, para tarefas maiores.

Tanta atenção e cuidado devemos, porém, dispensar ao serviço, que Zacarias, um de nossos colegas mais resolutos, resolveu interpelar, respeito-

samente, um dos orientadores, indagando:

— Todos trabalham, como nós, depois da morte do corpo?

— Como não? — respondeu ele, sorridente.

— E' que — tornou o companheiro acanhado — ensinaram-nos na Terra que, depois da morte, sómente encontrariamo o repouso eterno, quando bons; e a eterna punição, quando maus.

— E' uma ilusão dos homens — esclareceu generosamente o instrutor — quase sempre interessados em criar artifícios para o engano de si mesmos. A maioria das criaturas encarnadas, nos círculos terrenos, não escondem o desejo vicioso de gozar sem esforço, receber benefícios sem proporcioná-los a outrem e reposar sem servir.

Nesse ponto dos esclarecimentos sorriu bem humorado e continuou:

— A propósito de semelhante verdade, a maior parte dos meninos que chegam até aqui, são sempre portadores de enraizados defeitos. Foram

muitíssimo mal habituados em casa. Escravizaram-se ao carinho excessivo, ausentaram-se das pequenas responsabilidades e deveres que lhes competem na organização familiar e, ao serem surpreendidos pela morte, sofrem angustiosamente com a readaptação, porque a vida continua, pura e simples, exigindo serviço, esforço e boa vontade de cada um de nós.

Aquelas palavras queimavam-me a consciência. Recordei minha situação antiga. Vi-me, de novo, em casa, reclamando a atenção de todos, sem qualquer resolução de ser útil aos outros. Não sei se acontecia o mesmo a outros companheiros de turma, que, atentos, mas desapontados, escutavam as explicações. Sei apenas que experimentei enorme sensação de vergonha.

Em seguida ao intervalo havido nas observações, o orientador continuou esclarecendo-nos que só os maus e os diferentes buscam meios de fugir ao trabalho, que o serviço nos é concedido como verdadeira bênção de luz e paz.

Por fim, exortou-nos a recordar que Jesus, em criança, trabalhava na carpintaria, preparando peças de madeira, dando-nos o exemplo de correto aproveitamento do tempo infantil, acrescentando, ainda, que se houvessemos sido educados, quando nos lares terrestres, no espírito de serviço, não teríamos tanta dificuldade de readaptação à vida espiritual.

Confesso que estou plenamente de acordo com semelhante ponto de vista.

XVI

ORGANIZAÇÃO

Achando-se o nosso primo Antoninho no mesmo Parque onde me encontro, naturalmente você perguntará por notícias dele, supondo-o talvez junto de mim.

E' verdade que respiramos o ambiente da mesma instituição; no entanto, o grande colégio está dividido em seções muito diversas entre si.

Segundo expliquei, faço parte de pequena turma de crianças recém-chegadas daí da Terra e Antoninho já veio há mais tempo. Além disso, nosso primo foi um modelo de bondade e obediência. Era bom. Dava prazer aos pais. Auxiliava os companheiros com alegria. Nunca prendeu os animais e nunca os feriu por maldade. Não perdia tempo